

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº175 - DEZEMBRO - PORTO VELHO, 2004  
VOLUME XI

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

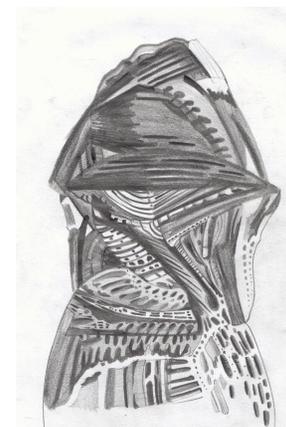
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**175**



FLÁVIO DUTKA

## CIDADES

Alberto Lins Caldas



**Alberto Lins Caldas**

Professor de Teoria da História - UFRO  
Centro de Hermenêutica do Presente - UFRO  
caldas@unir.br

**CIDADES**

***incipit***

*[há sempre uma escritura desenhada na pedra, nu cimento, nu chão das ruas da cidade que é uma das faces do tempo. i vamos, olhos nu chão, lendo vagarosamente us calçamentos. são rastros dos mais díspares animais de sangue quente; a marca rodada dos dedos alcatifados de silêncio das correrias de cães i do espanto dos gatos; patas de cavalos i bois como si a cidade fosse uma fazenda; hieróglifos de uma multidão de aves; us minúsculos vincos dos ratos; sinais de répteis; indícios indistintos onde si confundem homem i animal; trilhas de caramujos; pistas de um corpo que pode ter sido de aranha, de abelha ou de mosca; pontos arrastados de um velho i gordo escorpião; buracos de algum inseto cavador que morreu sem encontrar u que procurava; formigas tentando escapar depois de terem feito u salpicado de uma linha de pontos nervosos, amedrontados, perdidos; passos de crianças correndo, mulheres conversando, homens descalços, ensapateados, gordos, magros, pequenos i grandes; passos que sobem i descem ladeiras, afundando mais u calcanhar ou us dedos do pé; passos surpreendidos i passos decididos; passinhos tímidos i passadas arrogantes; traços de riqueza i da mais dolorosa indigência; símbolos, emblemas, flâmulas, nomes, corações, rabiscos, desenhos, letras, insultos; impressões digitais; moldagens de unhas, tecidos, pedras, objetos; varreduras, polimentos, escorregões; partituras de pingos de chuva, impressões de folhas, de galhos i de mãos; rachaduras de calor; bolhas de ar i de água; erosões i ondulações do vento; moldagens de corpos mortos ainda com u espalmado dos estertores; entradas i saídas de colméias, formigueiros i cupinzeiros; esqueletos, conchas i dentes; talhos, escoriações, tumores, amputações; riachos, lagoas, enseadas, praias, promontórios, ilhas.*

*tendo desaparecido todos aqueles seres que só fizeram atravessar a substância mole, que logo endureceria, si pode deduzir a espécie, u corpo, u sexo, u peso, a idade, u movimento, as intenções, us hábitos, u desejo, us dramas, u esforço que moveu u vulto sobre aquela substância.*

*essa forma enviesada de lógica consegue deduzir, sem tremer i sem a sombra de uma dúvida, u animal ou u homem a partir dos seus vestígios na escritura das cidades, como reconstitui, a partir de uma pobre seqüência de dentes, de uma lasca de osso, u animal inteiro, vivo, resplandecente em toda sua força de músculo, fome i universo.*

*essa reflexão anfíbia, brincando de bricabraque, restaura u desaparecido, u informe, u vislumbrado, u fantasma. i por malabarismo alegre i brincalhão, que si considera sério i verdadeiro, talvez pra não cair nu desespero de quem tudo perdeu i não si deu conta, transforma u corpo mole que si metamorfoseou em pedra ou a vida daqueles seres que caminham sobre a substância flexível que endurecerá em algo visível, palpável, i consideram u resultado plástico desse trabalho u*

*modelo daquilo que respirou i chamam de memória todo u processo como si não fosse vontade atravessando vontades, delírios fecundando delírios, prepotências si entrelaçando à prepotências, ingenuidades adormecendo ingenuidades com u imenso deus morto como solo i adubo.*

*mas assim como pretendemos afirmar, nessa ladeira, que foi uma criança que desceu a passos largos, talvez sem ver a argamassa molhada; naquela calçada, um pássaro pousou pra devorar uma borboleta, pois restam us fios dos dedos i as leves batidas das asas tentando escapar tanto do bico esfaimado quanto da massa úmida; ali alguém por xamânico divertimento pôs as mãos, i deve ter si abismado olhando, não si sabe bem porquê, aquelas deformadas estrelas-do-mar numa contorção de fuga, não podemos jamais dizer que qualquer elemento, qualquer signo que pensemos aflorar como um passo moldado nas lages, tenha realmente acontecido daquela maneira que nus vem, daquela maneira como dizemos i pensamos, normalmente em imagens, sensações ou palavras. é sempre substituição sobre substituição, tradução sobre traduções, sem um original como padrão, como modelo, sem verdadeiro autor, sem riscos, sem elementos, sem nada que possa nus guiar, como papel antes de ser escrito ou depois de habilmente apagado.]*

1. caim construiu a primeira cidade: u fruto do crime. a sedentarização, u estabelecimento de um espaço, de uma rede quadrangular, a estabilidade em oposição ao redondo das tendas sempre em movimento das tribos nômades. a cidade é u centro do mundo, refletindo a ordem celeste (o triângulo sobre u quadrado), mas antes de tudo a ordem do mundo. essa ordem equilibra u universo, u sustenta. a cidade representar u antimundo, a unidade celeste, é sintomático: as mitologias sempre organizaram seus sistemas com uma percepção muito mais aguda que as ciências (hipnotizadas com a mercadoria i com u corpo morto de deus). u homem como um peregrino entre a cidade de cima (engendrada pelo espírito) i a cidade de baixo (originada da carne): deus i a mulher: u celestial, u uterino que simboliza a cidade, proteção i limite, u caos como suporte, antes i depois: a cidade como um útero, uma volta, uma proteção absurda. a mulher que envolve us filhos como a cidade envolve us cidadãos (o estado, as leis, as instituições como grandes mães que protegem seus filhos nus seus corpos).

2. cada cidade tem um espírito diferente que combina com seus fluxos, suas construções, ladeiras, brechas, marcas, ruas, telhados, gentes. mas esse espírito não é a resultante nem de uma história nem de uma arquitetura, muito menos de uma "indústria" ou de uma "geografia", mas de um conjunto móvel de atributos em relação ao caminhar, ao olhar, aos degustares urbanos.

3. esses caminhares pré-sentem a configuração, u "ar", us trejeitos próprios, us vazios, a face que si oculta ("a cidade" é um dos momentos das inumeráveis máscaras) dos que a atravessam, dos que nela sempre viveram, trabalharam, morreram: gestos, acenos, sinais, cicatrizes, marcas, vestígios, estigmas, tatuagens, indícios, sombras, traços.

4. a configuração é sentida somente por quem não tem "uma cidade", não pertence a "um lugar", não sustenta "um corpo", "uma face", "um desejo", não traz a ferradura de um destino, de uma "cor local": us devires da cidade exigem us devires do caminhante: seu corpo de nada só si entrega nu movimento i ao

movimento: “a cidade” é u instável equilíbrio que brilha entre devires: brilho que mais ofusca, oculta, do que faz aparecer: seu lugar é u do libertino, do que paga u fim desejo, u que olha, u que apalpa sem ser notado, u que lambe nu ar alfabetos proibidos i textos indizíveis: a cidade como instância natural, como aglomerado, como entidade de construções como um formigueiro, é pra u burguês, pra u proprietário, pra us servidores, pra us que podem: a cidade só existe pra quem pode olhar, pra quem pode pagar, pra quem pode fazer circular mesmo estando imóvel (sedentário). u nomadismo dentro da cidade é “coisa de pobre”, de “sem teto”: u cidadão é gregário, fixo.

5. esse não-território, não-lugar dos lugares (a configuração onde si movem us lugares) só é percebido pelo desterritorializado, u sem pátria, u des-nascido, u des-naturado, u monstro, u que atravessa em devires, u que olha enviesado (entre as brechas das formatações, entre as pernas, entre as dobras: a cidade está entre as dobras), u olhar monstruoso (anormal, anômalo, irregular, desviado, híbrido), u olhar marginal, u olhar sob a pele: u olhar entre as colagens, multiplicando movimentos, sobrepondo massas, tornando longínquo u perto i perto u longínquo, buscando u dentro quando só há fora i u fora quando só há dentro: levantar us olhos dentro da noite, freqüentado por todas as fomes, i perceber a perversidade inexistente da cidade, i não saber que isso que si sente é a dobra viva, virtual, da nossa forma de existência.

6. a cidade não si dá por leitura (desde us livros i us corpos até us cartazes, as arquiteturas i us costumes: a cidade pode ser lida tradicionalmente de várias maneiras, desde us autidores até as marcas nu cimento, nas pedras, nas tintas, nas roupas, nus corpos, nus gestos, nas arquiteturas i nus monumentos), mas por impressão de molde. u molde si configura enquanto síntese provisória entre u móvel i u imóvel, entre a mudança i a fixidez, entre a vivência i a passagem, entre a iluminação i u saber, entre u lógico i u ilógico: momentum de percepção (o quantum necessário, u mínimo, u irrealizável da razão).

7. a cidade não si dá nem pela totalidade nem pela soma de todas as suas redes. u lugar dos totalitarismos pra ser visto não aceita totalidades, com-textos, fazendas, finanças. sua entrega mentirosa é “por partes”. u fragmento (tão próprio da cidade) é u que a diz mais.

8. a cidade é a ruína: nosso lugar enfim conquistado: todos us antes i todos us depois giram em torno dessa ruína fundamental, casulo monstruoso segregado por nós em nosso nome: a cidade é defecada, cuspada, ejaculada, segregada, sangrada, parida, escarrada, expelida da nossa carne que é cidade também.

9. a cidade são redes ficcionais, específicas torções que geram ilusões próprias que obscurecem em vez de mostrarem, aparecendo muito mais u efeito, u produto, a vontade, a racionalidade, a irracionalidade, u plano, a história, u espelho do que si acredita, que u programa que a faz existir em sua maneira i funcionar em sua medida. u visível i u abstrato, a cidade i u urbano, a vivência i u saber, são inflexões desse programa existência próprio de cada cidade.

10. nenhuma cidade é uma cidade, mas u programa existência si dá como unidade i diferença: a cidade é um efeito jamais visto em sua inteireza, em sua dimensão: é u corpo invisível da visibilidade.

11. a cidade não é "obra humana"; não é "mundo de objetos"; não é realidade produzida "segundo procedimentos" ou "determinadas materialidades"; muito menos "regida por intencionalidades" ou por "homens" (ilusão dos poderes e dos que nele acreditam); muito menos pelo estado, pela nação, pela população, pelos trabalhadores. a cidade não produz nenhuma intencionalidade nem pode advir de nenhuma racionalidade: este é um dos efeitos secundários do seu programa realidade si defendendo e si explicando: a cidade está sempre além da racionalidade: com ela si reduziu o universo criado por nós a sua menor existência, a sua menor percepção, mas não a sua menor existência: o universo da cidade é maior que a cidade do universo (duas dimensões do mesmo programa).

12. a cidade é da mesma substância do programa natureza. daí porque nos parece sempre "regida por leis", como a natureza; com um "ser superior" que a cria, a mantém e a explica (o homem), ou com uma "materialidade própria" com suas exigências e leis.

13. nietzsche e seu zarathustra: "... você aí não tem nada que procurar mas tem tudo a perder": essa é a ilusão própria dos romantismos: a separação entre cidade e natureza.

14. a cidade não é um "fruto da técnica", de um "saber prático", uma "conquista do trabalho" ou da "organização em comunidade". normalmente perdemos o sentido vivo das coisas e nos entregamos ao múltiplo visgo em processo dos conceitos, das crenças, das práticas, das ilusões próprias daquilo que tentamos estudar ou até mesmo vivenciar: como si vivêssemos sempre as crenças sobre as coisas dizendo viver as coisas mesmas (nosso desejo sempre foi viver entre as "coisas" como si as "coisas" existissem: só podemos viver entre nós sem nos sabermos). a cidade não é uma coisa, não é um conjunto de coisas, não é uma coletividade, não é uma colméia, um formigueiro, um cupinzeiro: é um holograma de infinitos devires: comunga com o corpo e com a natureza: frutos ficcionais dos devires.

15. a cidade não é uma "etapa histórica", a "organização da família", a "sociedade civil", ou o "domínio do estado": seu saber não é nem a ciência política nem a economia. a cidade não pode ser nem o "lugar da coexistência" nem o "lugar da liberdade", muito menos o "lugar da vigilância", da "exclusão" ou da "disciplina". a cidade não é um panóptico na mesma medida em que o exige.

16. na cidade cessa o tempo, cessa o ritmo, pois é nela que si vem criando todos os fluxos, todos os ritmos: somente pedaços vivos do tempo imóvel da cidade podem ser apreendidos; somente ritmos fragmentários podem nos fazer pensar havermos apreendido o ritmo imóvel da cidade: jamais poderemos sentir a imobilidade da cidade: sua imobilidade faz parte dos devires.

17. a cidade é o informe que fecha a outra ponta do nosso existir. de um lado o caos, do outro, a cidade. no centro o corpo, a linguagem. sobre as duas extremidades do centro tudo é possível, tudo si imanta, tudo si dispersa, tudo convida e afasta, tudo é gerado e destruído.

18. a reflexão sobre a cidade como uma "coisa", um conglomerado de construções, foi desenvolvida desde um aristocrata como humboldt, burgueses socialistas como engels e marx, historiadores da positividade como fustel, e por toda uma gama de tendências, idéias, posições muito compatíveis com a "matéria constitutiva" da cidade: a cidade burguesa gerou seus pensadores.

19. a cidade é sinônimo do horror, do medo, da debilidade, da desesperança, da covardia, da mentira, da suspeita, da dor, do sofrimento, da morte: ao mesmo tempo da vida, da esperança, da confiança, do crédito, da fé, da riqueza, da grandeza, da distinção, da oportunidade: assim gostam de pensar us que reduzem tudo a uma seqüência dialógica.

20. a cidade sempre foi "global", universal: qualquer vila é maior que u mundo i si interliga i faz crescer uma rede infinita pra dentro como si fosse pra fora.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Adeus a essa arte de loucura  
não há nada mais louco que a retórica  
Causas só têm defeitos  
que geram outros  
e se assim estamos há milênios  
adeus, filosofia da testa inchada  
e velas sebosas  
adeus, materialidade  
dos ventos de baixo  
e das línguas de cima  
adeus, amores, adeus*

**CARLOS MOREIRA**